



MOACYR G. ROSAS

(Da Academia Amazonense de Letras)

JOÃO LEIDA

Separata da
Revista da Academia
Amazonense de Letras

Dezembro — 1955

JOÃO LEDA

Moacyr G. Rosas, eleito para a poltrona 11 do quadro de sócios correspondentes da Academia Paraense de Letras, sob o patrocínio do vernaculista da "Quimera da língua brasileira", escreveu a seguinte oração:

A alta dignidade que ora nos conferis, revela o quanto sois clemente para conosco. Fazendo-nos desfrutar de um privilégio que se contrapõe às tradições desta colenda Academia, cujo critério seletivo exige além dos dotes morais, a solidez da cultura e a cintilação do espírito, como facilmente se testifica com os insígnies membros de sua ilustre Companhia, a nossa presença aqui, como em outras instituições culturais a que pertencemos, só se justifica pelo inebriante halo da generosidade.

RENAN, o profundo erudito e magnífico estilista da minha maior admiração, em circunstâncias idênticas, na tribuna da Academia Francesa, preceituara que são bem indicados ao ambiente da Academia, "aquêles que falam bem, aquêles que pensam bem, aquêles que sentem bem, o sábio que fez profundas descobertas, o homem eloquente que dirigiu sua pátria pela gloriosa via do govêrno livre, o meditativo solitário que consagrou sua vida à verdade, tudo que tem brilho, tudo que proporciona luz e calor, tudo de que se ocupa e entretém a opinião pública". Que nos perdôe o maravilhoso coordenador das tradições de Cristo! Mas a sua luminosa síntese do meio acadêmico peca, porque, alí, foram olvidadas as figuras inexpressivas, que giram em tórno das personalidades maiores, lembrando as indistintas nebulosas cercando os astros fulgurantes.

MEDEIROS E ALBUQUERQUE, êsse agitador de idéias que foi membro preeminente da casa de **MACHADO DE**

ASSIS, melhor que o hebraísta genial afirmou serem três as vias acadêmicas consagradoras: mérito, bondade e temor.

A benevolência, — insistimos neste ponto — foi o que mais prevaleceu, elevando-nos a tamanhas eminências. Assim como o cisne de Mantua transpôs os círculos do Inferno e do Paraíso conduzindo o divino florentino, nós também, pelas mãos de Georgenor Franco, o inspirado poeta de Rebeldia, e pela fidalguia de seus confrades não menos ilustres, atravessamos os refulgentes pórticos da Academia Paraense de Letras.

A nossa poltrona de sócio correspondente é a décima primeira, cujo patrono é o inesquecível mestre João Leda.

Quando, às primeiras horas da tarde de março último, pereceu êsse notável maranhense, aconteceu um fato que bem merece ser assinalado. Chovia a cântaros em Manaus, parecendo que o céu também deplorava a irremediável perda. Ainda naquela tarde, **PERICLES MORAES**, a preexcelso inteligência de nossa terra, determinou as honrarias que deviam ser prestadas a uma das figuras mais impressionantes da Academia Amazonense de Letras. Reunidos em tórno do cinzelador de Legendas & Águas-Fortes, recebíamos as suas ordens com a costumeira veneração a que, certa vez, num feliz improviso, o sociólogo **ANDRÉ ARAUJO** comparou a dos estudantes de filosofia ao ouvirem o verbo consagrado dos sábios da velha Grécia. Sentia-se na sua palavra traspasada de emoção o amargor dos profundos dramas interiores. Com **JOÃO LEDA** desaparecia o último herói, o último guerreiro de sua maravilhosa estirpe. **PERICLES MORAES** viu despontar e vencer no cenário amazônico as mais legítimas expressões de sua vida cultural. Sucumbiram quase tôdas: — **ARAUJO FILHO**, **HELIODORO BALBI**, **BENJAMIN LIMA**, **LEOPOLDO PERES**, **ADRIANO JORGE**, **HUASCAR DE FIGUEIREDO**, **JONAS DA SILVA** e muitos outros.

JOÃO LEDA faz recordar um espelho mágico, onde se refletem, conjuntamente, um embrumado destino, um sabor admirável e uma luta intermitente. Um destino sempre em conflito com as adversidades que o acompanharam desde os primeiros anos da existência, como êle próprio assinalou, quando se referiu aos impulsos de sua

vocação para a carreira das letras, no belo discurso pronunciado no Hotel Amazonas, no almoço de confraternização dos jornalistas, em 25 de dezembro de 1953: "Depois, o exílio paterno para Manaus, mercê da politicagem caolha e nefanda, que obrigou um quase ancião a remover-se com a prole para paragens distantes e desconhecidas. Trazendo, porém, no sangue o vício do jornal, aqui ví surgirem numerosos sob quentes aclamações e sumirem-se outros em meio da indiferença pública".

Não se nos afigura ser tarefa sem dificuldades escrever a biografia de JOÃO LEDA, que militou por mais de meio século na imprensa amazonense, colaborando em conceituadas revistas filológicas do país, que lhe projetaram o nome nos continentes onde se fala a língua de Camões. O notável vernaculista amazonense não se limitou apenas a revelar os segredos das suas singularidades especulativas como procede a maioria dos gramáticos, cuja função se circunscreve às questiúnculas de linguagem. A sua posição de filólogo e mestre do idioma alteia-se ao nível de um LATINO COELHO, de um CARLOS DE LAET ou de um JOÃO RIBEIRO. O seu desvelo pelo idioma pode-se equiparar ao de RUI BARBOSA. Um dia, quando em chéque a linguagem do epistológrafo das "Cartas da Inglaterra", pelas restrições que lhe fizeram, tumultuou-se a cultura nacional, bifurcando-se em duas posições: uma ficou ao lado do sábio CARNEIRO RIBEIRO, e a outra empolgada aclamava o autor de A Réplica. RUI, em sua tese, defendia teorias que revigoravam a língua na excelência clássica e acadêmica. E exaltando o carinho idiomático do nosso patrono, devemos afirmar que JOÃO LEDA, tanto ou mais do que a Águia de Haia, advogou com a superioridade de um erudito e a audácia de um cavaleiro andante o apostolado da língua portuguesa. Com espírito arguto penetra as fontes históricas e de lá retira os argumentos convincentes para esmagar as pretensões dos arrojados jacobinos que alardeiam a crença de uma futura língua nacional. A Quimera da Língua Brasileira é uma obra de excepcional descortino, assim no aspecto bibliográfico como em seus panoramas filológicos. Revelando a fôrça e o fôlego de um gigante amazônico, êste livro reivindica as seculares tradições da "última flor do Lácio".

Em nossas modestas investigações biográficas, não foi outra a nossa finalidade senão decifrar as incógnitas que porventura surjam envolvendo as personagens objetivadas. Todavia, ainda não nos foi possível compreender porque **JOÃO LEDA**, ordinariamente, assumia atitudes insólitas que o arrastavam sempre a disputas encarniçadas. Esta característica beligerante de seu espírito superpunha-se a qualquer outra e fazia-o temido e respeitado.

A propósito, lembraremos a célebre polêmica que travou com **CÂNDIDO DE FIGUEIREDO**, demonstrando os inúmeros senões que maculam as páginas do dicionário da língua portuguesa de sua autoria. **JOÃO LEDA** desferiu tantas cutiladas no insigne dicionarista que o deixou desarvorado. As suas investidas provieram, sobretudo, da "desconsideração inflingida a **RUI BARBOSA** nêsse portentoso monumento, que lhe não invocou o nome, onde e quando devia; que lhe rejeitou, sem motivo declarado e plausível, notáveis contribuições linguísticas; que lhe truncou o título das obras e lhe deturpou os textos magistrais". E depois, não esquecendo de assinalar a astúcia de **CÂNDIDO DE FIGUEIREDO** em colocar um conceito de **RUI** no sub-rostro de seu grande Dicionário, comenta no prefácio da 1.^a edição do Vocabulário de Rui Barbosa: "inscreve no peristilo do seu Dicionário, como aresto descido dos cimos da ciência de linguagem, uma douta sentença de Rui **BARBOSA**". Em seguida, sem negar a cultura filológica de **CÂNDIDO DE FIGUEIREDO**, increpa-lhe o descuido, a indiferença e a injustiça "com que se houve no seu léxico a respeito do incomparável mostil da prosa", que é o autor da Réplica. E após apresentar argumentos e provas, como era de seu critério, em questões desta natureza, **JOÃO LEDA** adverte: "Perdôe-nos o Sr. **CÂNDIDO DE FIGUEIREDO**, mas isto não é fazer dicionário; é simplesmente minguar as reservas da língua, desfalcá-la no seu patrimônio, desmedulá-la, fraudá-la com ânimo imperturbável e completo conhecimento do mal, o que agrava sobremaneira o delito".

Os requisitórios, no entanto, não se limitaram a êstes deslises. Em Nossa língua e seus soberanos, numerosos passos mostram ainda não só a prevenção do dicionarista contra **RUI BARBOSA**, mas também a sua preocupação

tendenciosa em olvidar **CAMILO CASTELO BRANCO**, ambos de sua profunda admiração. Aludindo às restrições que **RUI** fizera, através da Réplica, a algumas francesias do célebre escritor de São Miguel de Seide, assim argumenta: "E o mais de pasmar é que o Mestre raramente deixou de apoiar-se às muletas fracas de **CÂNDIDO DE FIGUEIREDO**, — um almotacé da língua perdido no labirinto dumas doutrinas pitorescas, ante as quais os fatos da língua — mais incontroversos são grossas baboseiras. Que **RUI** apontasse o deslize, simplesmente para que o evitasse quem escreve, estaria muito bem. Mas é que se não contentou disso; chamou pelo homem das Lições Práticas e êste acudiu logo com as suas habituais sentenças plebéas: isto é dislate, aquilo é asneira maior da marca. Melhor fôra que **RUI** abrisse mão do desabrido censor, porque afinal as descaídas, leves ou graves, têm por si nomes da maior relevância no mundo das letras, e perante êsses nomes se apaga e some a auréola do dicionarista".

JOÃO LEDA possuía indisputável autoridade para fazer tais restrições ao filólogo português. Abonavam a favor do polígrafo brasileiro os seus dotes imensuráveis de raciocínio e a sua prosa academicamente vernácula, sem dúvida melhor que a do tradutor das obras de **PAULO MANTEGAZZA**.

Outro caso em que o adversário se tornou por muito tempo seu inimigo mortal, originou-se de uma injustiça praticada contra seus direitos, no concurso para a cadeira de História, da Escola Normal do Amazonas. O antagonista foi **ADRIANO JORGE**, que conheci já alquebrado e destituído da auréola de ser o maior orador da Planície. **ADRIANO JORGE**, que não deixou nenhum livro, era de fato uma notável cerebração, a deduzir-se das suntuárias pinceladas do consumado estilista patricio **PERICLES MORAES**. Leio no estudo *Legenda heróica de uma vida*: "Nenhuma outra figura de sua geração exerceu maior influência entre os contemporâneos do que **ADRIANO JORGE**. A glória, como um talismã, aureolava-lhe a fronte. Do fascínio da inteligência dessa criatura predestinada fluíam e refluíam as forças envolventes do seu prestígio". Todavia, **ADRIANO JORGE**, que possuía um temperamento superexcitado, não tinha a fibra e o ímpeto dos autênticos polemistas. Nessa

arte perigosa em que ficam expostos a honra e a cultura, é imprescindível o ânimo frio, o espírito metódico e calculista. Na polêmica, em língua portuguesa, o nome de CAMILO CASTELO BRANCO, se sobrepõe aos demais. O genial neuropata de São Miguel de Seide foi mestre na contumélia e na objurgatória, em boa linguagem, consoante as afirmativas de seus biógrafos. E JOÃO LEDA era discípulo de CAMILO e foi discípulo que soube honrar o mestre tanto no ardor da luta como em defesa dos cânones do idioma. ADRIANO JORGE, ao ler o primeiro artigo de JOÃO LEDA transtornou-se e, ao invés de se defender com a mesma elegância e serenidade, desafiou o filólogo para uma luta corporal, de consequências imprevisíveis; e se a arenga não teve um trágico desfecho, deve-se ao generoso coração do escritor PERICLES MORAES, que devéras os estimava como a irmãos muito queridos.

Em tempos que já vão longe, quando ainda vivia JOÃO LEDA, focalizamos-lhe a figura de preliador com alguns conceitos, que julgamos oportuno transcrever agora, quando novamente lhe retraçamos o perfil. Citamo-los de afogadilho, emoldurando-lhe o retrato: Nasce com o indivíduo a natureza de polemista. Soberbas culturas se manifestam estimuladas apenas pelas alternativas ardentes da peleja. ERASMO, o famoso humanista de ROTERDÃO, não acumulara a sua assombrosa cultura tão somente com o propósito de penetrar nos redondéis onde se travam os duelos da sabedoria, mas porque nasceu com a arte e o instinto da Polêmica. Para exemplificarmos melhor citemos ainda um outro que, a deduzir pela sua conduta, não procedeu de modo diferente. Foi VOLTAIRE, que durante toda vida defendendo postulados da direita ou da esquerda, não fazia outra coisa senão polemizar. Esta arte difícil e temerosa também tivera um lídimo representante em Portugal: CAMILO CASTELO BRANCO. O solitário de São Miguel de Seide, com talento incomparável, cultivou todas as múltiplas facetas da literatura, e deixou uma escola de seguidores constituída das mais primorosas inteligências que já se alçaram à posteridade. E uma destas glórias vivem em Manaus. É sócio fundador da Academia Amazonense de Letras e chama-se JOÃO LEDA. Nome nacional que desde a adolescência impressiona o cenário

cultural do Brasil. Os seus escritos chamaram a atenção, não só na parte erudita, como principalmente na elegante e superior contextura clássica, com que realça os períodos. Revelando-se desde logo cultor beneditino da língua de CASTILHO, foi em tôda a sua vida gloriosa um vernaculista impecável. Tudo isso, porém, desaparece, ou apenas permanece como os atavios de capiteis coríntios ou mouriscos, para sobressair em todo o seu esplendor a coluna poderosa e fagulhante que é a Polêmica.

Além disso, o seu espírito, dotado de incomum poder de assimilação, assemelhava-se a um reservatório para onde manavam os ensinamentos glotológicos, espelhados nas páginas dos maiores vernaculistas da língua.

O livro, em tôdas as horas de sua vida e em todos os períodos de vicissitudes por que passou, foi-lhe o companheiro e o refúgio. Este insigne escritor em um meio que não fôsse tão restrito quanto o nosso, talvez não tivesse ficado somente o filólogo e o comentarista de alta visão que conhecíamos. Formulamos êste raciocínio depois da leitura de sua conferência pronunciada aqui em Belém, no tradicional Teatro da Paz, em 31 de maio de 1927: Da psicologia do Padre Vieira. Trabalho de erudição que honraria, se o subscrevessem, os maiores clássicos do idioma, revela o arcabouço de uma cerebração talhada para os remígios do pensamento. O construtor dêsse monumento, que é A quimera da Língua Brasileira, além de tudo, foi verdadeiramente um grande pensador. Em tôdas as suas páginas, é oportuno assinalar, percebe-se um alto senso crítico emoldurando os seus julgamentos. Testificando o que acabamos de afirmar, a título de curiosidade, citaremos o trecho antológico em que fala no orgulho dos escritores e, especificamente, no de VIEIRA. Com admirável penetração e equilíbrio elucida as imperfeições psicológicas que se tornaram sulcos poderosos na fisionomia mental dêsses homens insignes: "Respeito VIEIRA, porém, escreve JOÃO LEDA, concertam os maiores críticos, franca ou atenuadamente, em acentuar-lhe na estrutura moral a hipertrofia da vaidade e do orgulho, mendáculos que não serão edificantes no voto da aristarca austera, mas que, a bem dizer, inerem às portentosas mentalidades, que se aquilataram, em leal autognose, muito acima do comum dos homens.

Ninguém ignora que CÍCERO pediu fossem dirigidas a Roma, e não a êle, os emboras pela sua investidura no consulado, porque Roma é que devia desvanecer-se com a elevação de tal filho a essa alta dignidade. Atribui-se igualmente a GOETHE a auto-glorificação de ser demasiado estreito o âmbito de um século para caber dois GOETHES; e a crônica da abominável sangueira de 93 arquivou o dito memorável, segundo o qual ANDRÉ CHENIER, pouco antes do horrível contacto com o gume da guilhotina, batendo na testa com frenesi, bradou o enérgico e arrogante: J'avais pourtant quelque chose lá. O próprio RENAN, o filósofo calmo e sereno das Origens do Cristianismo, pensou e disse que seu gênio era a expressão, o resumo da inteligência "duma longa série de antepassados obscuros, que haviam economizado para êle os vigores intelectuais".

Assim, poetas e pensadores de alevantado engenho, identifica-os na História o mesmo sentimento que Jesus desamou e fulminou, e mereceu por igual uma frase de desdém ao estafado amante da SULAMITA, quando o fartaram sobreposse o galear das pompas e as carícias veludosas da vulcânica morena. Maior, porém, que CÍCERO, GOETHE, CHENIER e RENAN, na extensão da vaidade, no tamanho do orgulho, é sem dúvida alguma, ANTÔNIO VIEIRA, que, como revemos adiante, não só se alçapremava a si próprio a alturas vertiginosas, senão que se afrontava ombro a ombro com a Divindade, para, como ela, operar a maravilha de "fazer impossíveis".

Ainda, para não perder o ensejo de evidenciar o mérito exemplar do patrono da nossa cadeira, podemos lembrar com oportunidade a epístola que dirigiu ao escritor amazense Padre RAIMUNDO NONATO PINHEIRO, expressão solar da intelectualidade de minha geração. Respondendo e discordando de um paralelo dêsse culto acadêmico, no qual o comparou ao suntuoso estilista PERICLES MORAES, JOÃO LEDA com o seu feitio singular, adverte:

Perdão-lhe de coração o pecado de me haver inserido no rol luminoso dos estetas da nossa língua, ao lado do imponente PERICLES MORAES. PERICLES é, em verdade, um esteta. Penso que, se lhe queimarmos o fígado, as costelas, o estômago, qualquer órgão enfim, êsse órgão resistirá um pouco, como se estivesse a reclamar inclusão

em alguma frase musical em elaboração. É um homem que pensa e escreve como se o fizesse marcando notas, ouvindo bemóis e sustenidos, fazendo arcos na pauta, como se de toda a composição só lhe estivesse agradando um quase nada. Já tive ocasião de ver algumas vezes as torturadas folhas escritas de PERICLES. É uma hecatombe, um morticínio de entidades gramaticais: logo ao início um advérbio degolado com furioso traço da pena; mais longe, um verbo que escorre suas lágrimas pelas pernas de um substantivo, já fuzilado com duas preposições a pedir socorro num farrapo de frase só perceptível pelos cultores da Paleografia.

Que pontos de contacto descobriria, pois, o ilustre Padre NONATO entre mim e o beneditino PERICLES, escrupuloso ao ponto de não confiar à memória a grafia dos nomes, e revê-la quantas vezes o assaltem dúvidas, e capaz de revisar cem proyas para obstar um palavrão no seu escrever, onde a musicalidade do fraseio pode correr parênteses com a castidade das idéias? Um homem assim não pode afinar com outro que lhe é oposto em tudo: não lhe adota os processos da escritura, não perlustra os mesmos autores prediletos. Mui ao contrário, versando clássicos há quarenta anos, com eles aprendeu a desvenerar zumbais e salamaleques, e não rasgar sedas com quem as usa de insuspeita origem. Com todas essas coisas, perdeu também a balda de turibular autores que não sejam de 24 quilates, isso para não serem duas as bestas, consoante a sentença irrecorrível do mestre CAMILO”.

Na verdade, PERICLES MORAES, estilista primoroso e reverenciado por todos nós, homens-de-letras, constitui a moldura e o painel mais forte e impressionante da intelectualidade amazônica. E como é impossível falar nos homens de inteligência do Amazonas prescindindo de focar o consagrado vulto de PERICLES MORAES, aproveitamos tão azado momento, para assinalar com intenso e particular interesse outra faceta do espírito do plasmador de Figuras & Sensações. Este notável escritor não é apenas um ofuscante artífice do pensamento engastado em períodos aurilavrados, mas também, e acima de tudo, um caráter paradigmático, que exerce fascínio sobre aqueles que têm a ventura de o conhecer. Este artista renomado é responsável por nume-

rosas vocações literárias que têm aparecido no cenário intelectual do Amazonas. E sem a intenção de abumbrar-lhe a personalidade, nós confessaríamos, à pureza, aos nossos irmãos de espírito, que somos um dos seus milagres.

Retornando ainda à figura de JOÃO LEDA, que por seus irrecusáveis méritos se sobrelevou a supremas alturas, o seu nome figura entre o dos valores maiores da nossa filologia. Mas ninguém pense que este homem extremamente modesto se vangloriava do título de filólogo, a êle conferido justiceiramente por seus pares metropolitanos. Não. Julgava-se ofendido quando alguém assim o considerava. Pouco tempo antes de falecer, a um odontólogo paulista que o chamara de filólogo, assim revidou: "repelimos com veemência e véras dalma a calúnia de classificar-nos filólogo profissional, título que não possuímos e jamais ambicionamos, conforme já afirmamos fartas vezes em alguns livros, todos versando assuntos de linguagem portuguesa. Nunca nos cegou a vaidade de subir a tais alturas. Contentamo-nos em ficar cá em baixo, trabalhando como simples estudiosos do idioma, meros curiosos nessa complicada matéria, mesmo porque havemos como verdade incontestável esta afirmação do saudoso mestre JOÃO RIBEIRO: No Brasil, não há filólogos; há amadores linguísticos, mais ou menos eruditos".

Contornando a soberba figura mental de JOÃO LEDA, em um ensaio erudito, PERICLES MORAES, depois de referir-se às guerrilhas tacanhas dos acanhados gramáticos, afirma: "As suas diretivas filológicas têm outros roteiros e as suas preocupações linguísticas cogitam deveras dos problemas sérios que interessam o idioma. Superior às contingências ambientes e indiferente à fanfúrria das mediocridades que nada sabem e tudo pretendem discutir e julgar, divorcia-se da estreiteza rotineira dos processos em voga, retardatários e anódimos, para transmitir um sainete original e atraente aos seus estudos de exegese glotológica".

Quem se deu ao trabalho de examinar a obra de JOÃO LEDA, facilmente percebe a altura do seu pensamento em relação à glotologia. O conceito alemão atribui à filologia tudo o que concerne à língua, à gramática e à literatura, sejam estas de alto ou baixo coturno, enquanto que ao sentido filológico latino apenas lhe põe na jurisdição

a gramática e o estudo da língua. **JOÃO LEDA**, não resta dúvida, preferiu divergir do pensamento da raça, a exemplo de **CAROLINA MICHAELIS** e **ADOLFO COELHO**, que orientaram as suas pesquisas não só na observação, mas também na ciência. Além do mais "o filólogo amazônico realizou o milagre, nos dias de hoje, como afirmou um grande escritor, de escrever com esmero, clareza e perfeição; e as suas idéias, em estilo correntio e persuasivo, lhe não revelam apenas agilidade dos conhecimentos gramaticais, mas lhe definem simultaneamente a personalidade autônoma e multimoda, a serviço de uma preparação mental de rara solidez".

Certa noite, conversando conosco, contara êste fato a propósito da regência de um verbo, que **MÁRIO BARRETO**, respondendo a determinado consulente, dissera com ênfase dogmático que o mesmo só possuía tais e tais regências. **JOÃO LEDA** abriu um volume de **CASTILHO** e lá estava mais uma regência além das indicadas pelo autor de *Através do Dicionário e da Gramática*. No dia seguinte, um matutino de Manaus estampa, em seu rodapé, a oportuna observação. Pessoas que conheciam de perto o irritadiço temperamento do orgulhoso **MÁRIO BARRETO**, advertiram a **JOÃO LEDA** de que se arrependeria da arremetida. Corajoso como os valentes galos japoneses, **LEDA**, silenciosamente, aguardou o estouro da pororoca. E concluindo: sabem a consequência? Aquilo foi o início de uma grande amizade consolidada pelo respeito e admiração que ambos entreteram.

Quando surgiu *Os Áureos Filões* de Camilo, a edição foi esgotada em pouco tempo. Depara-se-nos, aqui o ensejo de fazer um parêntese. Passámos grande parte de nossa juventude lendo **CAMILO CASTELO BRANCO** e ainda não compreendemos porque o romancista de *O amor de perdição* exerce tamanha sedução sobre os que lhe conhecem a obra. As suas personagens deixam algo a desejar, quando delas se exigem algumas características psicológicas. Dão a lembrar divertidas marionetes. Ora apaixonadas, furiosas ou ternas, ora excêntricas e pitorescas. Todavia, raramente humanas. Seja como fôr, os camilianistas pouco prezam estas qualidades mofinas do seu gigante; a êles só interessa o verbo sardônico e demolidor do panfletário da Boêmia do

Espírito. **JOÃO LEDA**, sem nenhuma dúvida, foi o maior camilianista desta margem do Atlântico. Conferiram-lhe êste título não só pelo seu grande culto ao crítico do Cancioneiro Alegre, induzindo-o a visitar, em Portugal, os lugares que êle amou, como também pela profundeza de seus estudos demonstrando ser **CAMILO** o maior clássico da língua portuguêsã. Recordo que com o abalisado filólogo **SÁ NUNES** se travou caloroso embate linguístico, onde se discutiu a vernaculidade inconcussa da linguagem camiliana. **JOÃO LEDA**, mais uma vez, obteve os louros do triunfo. Não é demasiado lembrar, nesta oportunidade, um fato relacionado com o seu famoso livro em tórno do vocabulário de **CAMILO CASTELO BRANCO**, onde em prismas luminosos se reflete o seu perfil moral, dígno da galeria de **PLUTARCO**. Há ali anotados em alguns vocábulos que não eram, pròpriamente, do romancista insigne, sabendo-se que velhos dicionaristas já os tinham registrado, mas que **CÂNDIDO DE FIGUEIREDO** e outros lexicógrafos modernos os deixaram escapar. Quando alguém lhe apontava êstes equívocos, longe de se rebelar, êle os aceitava com a serenidade dos sábios.

Ainda outra particularidade relacionada com o seu livro famoso. Os vocábulos fixados naquelas páginas como ofuscantes ladrilhos, foram subtraídos dali por mãos solertes, que os colocou em livros do mesmo gênero, omitindo a fonte de onde foram colhidos. Uma destas graves acusações recaí no sr. **TENÓRIO DE ALBUQUERQUE**. Não esquecendo a expressão de um ilustre jurisconsulto alemão: deixa de ser homem aquêle que não luta pelo seu direito", **JOÃO LEDA** reagiu em vários rodapés dominicais, estampados em certa fôlha de Manaus, nos quais denuncia e coordena a sórdida pirataria. Superficialmente fez referência a êste fato, quando publicou a segunda edição do Vocabulário de Rui Barbosa: "Cremos que a mais sensata política a praticar com essas entidades sapientes não é pôr o apito na boca, reclamando com irritação a interferência da polícia, mas silenciar filosòficamente, gozando no íntimo o aprumo descerimonioso com que elas se apoderam do alheio e vêm depois fazer praça da sua velhacaria. Pelo menos, quanto a nós, essa é a atitude que invariavelmente assumimos para com os filologistas que nos arrebatam as pesquisas voca-

bulares, dando-as como produto do seu labor investigativo, com as nossas definições, com os mesmos textos que trasladamos das fontes originais, referindo até, para cúmulo de coincidência, os mesmos livros, páginas e edições. Só uma vez, que nos lembre, estrilamos para manifestar nosso pasmo ante tais singularidades: foi quando dois mestres de tomo e polpa linguística, tangidos naturalmente pela lei do menor esforço, emborcaram no bôjo de notáveis trabalhos seus quase tudo de um olvidado livro nosso, levando-nos a supôr que se tratava de alguma segunda edição, aliás não autorizada, porquanto nenhum livreiro nos requerera o consentimento". Registremos ainda outro fato idêntico: LAUDELINO FREIRE também escreveu um vocabulário camiliano. E como ambos mantinham cordeal correspondência, JOÃO LEDA olhou o monumento alicerçado em areia do filólogo metropolitano, e calou-se. Os amigos verdadeiros são para nos querer bem e êle era desta casta de amigos. Na época do aparecimento do citado livro houve um crítico, autoridade no assunto, PEDRO PINTO, que escreveu, apontando lacunas de LAUDELINO FREIRE. Disse que tôdas as vêzes que êsse autor abandonava o vocabulário de JOÃO LEDA era para cometer deslizes. O filólogo fez menção dêsse fato neste trecho do Vocabulário de Rui Barbosa: "Mas, deixando em correr o marfim, indiferentes a essas defraudações, chegou um dia em que ardeu Tróia. Não fomos nós os petroleiros. Quem a incendiou foi um homem de grande coração, mas também de admirável intrepidez de ânimo, incapaz por temperamento de conformar-se com esbulhos: o doutor PEDRO PINTO, notável professor da Faculdade de Medicina do Rio e filólogo de sólido saber e legítima nomeada. Reivindicou êle o nosso direito com galhardia, em um livro eloquente de confrontos e paralelos, provando a prioridade das nossas investigações na obra de célebre clássico português. Depois, repousando o tangente vingador, esperou calmamente o revide que não veio. Parte na causa, abstivemo-nos de qualquer impertinente intervenção; mas, em espírito, lá foi, com o nosso comovido agradecimento, o abraço gratulatório à bravura do venerando lidador".

De JOÃO LEDA, meus senhores, cuja grandeza espiritual teve expressão destacada durante muitos anos na cultu-

ra do Amazonas e superior autoridade na filologia nacional, nestes conceitos despretenciosos apenas lhe bosquejamos perfuntoriamente vários aspectos do seu talento modelar. Não alimentamos a veleidade de sermos capazes de surpreender a configuração mental dêsse homem que acompanhara o pai, um velho postalista impelido com a família a exilar-se em Manaus; dêsse homem que, identificando-se com o destino da terra adotiva, combatia de peito aberto a prepotência dos govêrnos e a filáucia dos mediócrs, dêsse homem deslocado do seu tempo, que além dos assuntos de sua predileção, opinava com douda competência sôbre economia, política administrativa e questões sociais, dêsse homem, em suma, que nunca teve a ilusão da glória e que foi um dos mais legítimos brasões da heráldica literária do Amazonas.





AVISO

A disponibilização (gratuita) deste acervo, tem por objetivo preservar a memória e difundir a cultura do Estado do Amazonas. O uso destes documentos é apenas para uso privado (pessoal), sendo vetada a sua venda, reprodução ou cópia não autorizada. (Lei de Direitos Autorais - [Lei nº 9.610/98](#)). Lembramos, que este material pertence aos acervos das bibliotecas que compõem a rede de bibliotecas públicas do Estado do Amazonas.

EMAIL: ACERVODIGITALSEC@GMAIL.COM

Secretaria de
Estado de Cultura



CENTRO CULTURAL DOS
POVOS DA AMAZÔNIA